

Aspectos históricos da referência espacial do gesto

Ana Cristina C. Pereira
Programa de Pós-Graduação em Linguística - UFMG
Doutora em Linguística/UFMG
Professora da EBA/UFMG e UNI-BH
Bailarina, Maitre de balé e Pedagoga

Resumo: Este trabalho é parte da pesquisa de doutorado cujo tema foi o *aspecto cognitivo do gesto*. Trataremos da importância do gesto e da intensificação de seu estudo nos últimos quinze anos, envolvendo diversas áreas e representando o que se considera aqui as linhas mais importantes de investigação dessa temática. Vimos também que os estudos atuais conservaram vários princípios e parâmetros metodológicos históricos dos estudos iniciais, evidenciando a grande preocupação histórica dos pesquisadores com as referências espaciais dos gestos.

Palavras-chave: Gesto; histórico da referencia espacial.

Os gestos têm atraído a atenção de estudiosos por mais de dois milênios. Originalmente, na tradição ocidental greco-romana, o interesse centrou-se na retórica clássica, em que os retóricos relacionaram determinadas formas gestuais e sua referência no espaço, entre elas as das mãos, com o discurso, por meio das quais os oradores podiam influenciar os ouvintes de acordo com os seus interesses. Como exemplo, podemos citar a *Chironomia*, que é a arte do uso dos gestos das mãos e a obra *Institutio Oratória* de Marcus Fabius Quintilianus (30 a 95 d.C.) composta de 12 volumes que apresentam a discussão mais completa sobre os gestos da época chamando a atenção para a importância de dois aspectos: a voz e o gesto coreográfico (sequência de movimentos intencionais) (QUINTILIANUS, [ca. I d.C.] *apud* KENDON, 2005).

Por volta do século IV d.C. o retórico latino Julius Victor fala sobre a importância dos gestos e das recomendações feitas para sua utilização. Particularmente sobre o olhar e a mão diz que, “frente à diversidade infinita das línguas faladas por todos os povos e todas as nações elas [as mãos] me parecem ser a linguagem comum de todos os homens” (JULIUS VICTOR, [ca. IV d.C.] *apud* PATILLON, 1990, p. 11).

Na Europa do século XVII, Giovanni Bonifacio (1547-1645) publica um dos primeiros livros, *L'Arte de' Cenni* (1616), exclusivamente dedicado ao gesto e dividido em duas partes. Na primeira, todos os gestos corporais são descritos, enquanto na segunda parte lida com gestos e sinais usados nas várias profissões. Na parte descritiva, detalha os gestos da cabeça aos pés, passando pelos braços, mãos, dedos e suas posições até chegar às unhas (BONIFACIO, 1616 *apud* KENDON, 2005).

Ainda no século XVII, podemos destacar John Bulwer (1606-1656), que publicou os tratados *Chirologia, or the Natural Language of the hand* e *Chironomia e Art of Normal Rhetoric*, em 1644, exaltando o discurso e a aptidão das mãos e em seguida lista e discute

64 gestos das mãos, 48 dos quais estão ilustrados em dois quadros *chirogramáticos* (BULWER, [1644] 1974). Ele visava a análise das posições e movimentos das mãos e dos dedos e suas expressões (BULWER, [1644] 1974).

Com o Iluminismo, desenvolveu-se um novo interesse pelo gesto que, de algum modo, chegou até os dias de hoje. De fato, no século XVIII os filósofos estavam preocupados com a origem da linguagem e com a base universal da razão. Também, nesta época, vários pensadores acreditavam que as primeiras línguas fossem gestuais. Por exemplo, Condillac ([1756] 1971 *apud* McNEILL, 1992) afirmou que a *linguagem original* emergiu de *signos naturais*, ou seja, gestos.

No século XIX, Gilbert Austin (1753-1837) escreve *Chironomia* (1806), que foi o estudo do gesto mais ambicioso publicado neste período. Seu sistema de notação dos gestos apresentava uma representação do corpo em uma esfera imaginária, dentro da qual o falante movia seu corpo, pés e mãos na direção de um dos pontos demarcados (AUSTIN, 1806).

Outro estudo importante foi realizado por Albert M. Bacon (1875 *apud* KENDON, 2005), baseado explicitamente no modelo de Austin. Adicionalmente, apresenta uma variedade de expressões faciais. Como Austin, Bacon também usava uma esfera imaginária para mapear os gestos dos falantes.

E importante destacar que nenhum desses estudiosos do passado considerava os gestos espontâneos que acompanham a fala (McNEILL, 1992). Somente na pesquisa pioneira de David Efron (1941), *Gesture and Environment*, os gestos espontâneos que acompanham de modo sincronizado a fala foram descritos. Seu trabalho foi um marco de cientificidade pelo rigor de seu método realizando observações visuais, chegando a produzir filmes em câmara lenta (porém mudos) e inúmeros desenhos. Ele introduziu as categorias gestuais que têm sido a base de todos os esquemas classificatórios subsequentes de gestos, além do método de observação de gestos espontâneos do cotidiano.

Posteriormente, os estudos sobre gestos, iniciados por Efron na década de 40, foram divulgados na década de 70 por Ekman e Friesen (1969) que propuseram um esquema de classificação da linguagem não-verbal, identificando cinco tipos de gestos: *emblemáticos, ilustrativos, reguladores da interação, indicadores do estado emocional* e de *adaptação*.

Ainda destacamos François Delsarte (1811-1871), francês, que desenvolveu um estudo intensivo do movimento e seu comportamento. Em seu trabalho sobre a oratória, Delsarte (DELAUMOSNE, 1893, p. 43) define “o gesto é o intérprete do discurso – o gesto foi dado ao homem para revelar o que o discurso é impotente para expressar”. O pesquisador faz uma análise aprofundada da voz, respiração, dinâmicas de movimento, linha e forma, e praticamente de todos os elementos do movimento do corpo em seus

papéis como agentes expressivos. A partir daí, iniciou a formulação de uma teoria na qual é feita a análise e sistematização dos gestos e expressões do corpo humano baseada na referência espacial.

Em meados do século XX, junto à crescente fama da psicanálise de Freud, às revoluções no campo da física e à própria revolução industrial, destacamos Rudolf Laban (1879-1958) como uma referência no estudo dos gestos que causam um grande impacto influenciando os trabalhos desenvolvidos em áreas como educação, psicologia, fonoaudiologia, teatro, dança e educação física. Seus estudos tinham como foco a relação entre o movimento humano e o espaço que o circunda e se concretizaram num amplo sistema de análise, pesquisa e notação do movimento. Temos, por exemplo, o cubo de Laban, que serve como referência para o mapeamento para diferentes trajetórias e qualidades do esforço durante o movimento (RENGEL, 2005).

Um divisor de águas nesse campo de estudos foi o trabalho de Adam Kendon (1972, 1988) no qual foram investigados muitos aspectos dos gestos, incluindo seu papel na comunicação, na evolução da língua, bem como a convencionalização do gesto. Como resultado importante de seu trabalho propõe a integração do gesto e da fala, a partir da existência de uma *unidade entre eles*, que tem servido de base para os avanços nos estudos do *gesto e da cognição*.

Neste novo cenário, uma das grandes referências no campo da pesquisa do gesto é o trabalho de McNeill (1992, p. 245), que a partir dos estudos de Kendon, considera que “os gestos, juntamente com a língua, ajudam a constituir o pensamento e refletem a representação imagística mental que é ativada no momento de falar”. Portanto, o gesto é envolvido no planejamento conceitual da mensagem a ser verbalizada, ajudando o falante no processo de conceitualização. Abre-se então a possibilidade de que o gesto possa ter um papel, não só no discurso produção, mas também em outras atividades cognitivas, como raciocínio e resolução de problemas McNeill (1992, 2005). Também propõe a classificação tipológica dos gestos com base em narrativas orais em: *icônico*, *metafórico*, *rítmico* e *dêitico* e um quadrante com finalidade de analisar o uso do espaço gestual dos falantes.

Como consequência da evolução dos estudos dos gestos, hoje, há evidência de um crescente corpo de pesquisa sugerindo que os gestos da mão possam oferecer uma visão única sobre o processo ensino e aprendizagem. Levanta-se a possibilidade de os gestos das mãos refletirem a aprendizagem, podendo ser considerados no processo de ensino (GOLDIN-MEADOW; ALIBALI; CHURCH, 1993). Destacam-se, então, os trabalhos que focam os gestos que as pessoas fazem ao falar durante tarefas de resolução de problemas, propondo que estes estejam associados com a aprendizagem (GOLDIN-MEADOW, 2005).

Outra frente de estudos acredita que os gestos estejam envolvidos na fase de elaboração conceitual da narrativa, facilitando o acesso a itens do léxico mental. Alguns resultados chamam atenção para os indícios de que a comunicação não é a única coisa que o gesto expressa, mas que eles podem refletir e afetar os próprios processos mentais dos falantes na fase de elaboração conceitual da narrativa, facilitando o acesso a itens do léxico mental (KITA, 2003, KITA; ALIBALI; YOUNG, 2000).

Nessa perspectiva temos os estudos relacionados com a aquisição da segunda língua – L2, nos quais foi possível observar que os gestos que co-ocorrem com o discurso podem revelar a extensão do tratamento linguístico entre principiantes. Consequentemente, uma análise de gestos são um importante índice para realização de avaliações precisas de proficiência em L2 (KITA, 1993; KITA; ÖZYÜREK, 2003).

Como se pode ver, a partir dos estudos de Adam Kendon, todas as propostas apresentadas até aqui defendem a hipótese da *integração gesto e fala*, corroborando a abordagem que propõe as atividades *gesto e discurso* baseados em processos comuns de pensamentos, relacionados com o processo de construção do sentido, isto é, uma função cognitiva do gesto.

Algumas considerações

Como vimos na retrospectiva histórica, os estudos atuais sobre o gesto mantêm vários princípios e parâmetros metodológicos dos estudos iniciais. A progressão evolutiva das conquistas de vários pesquisadores, entre eles os citados neste estudo, culmina no que hoje dispomos como proposta de pesquisa na área dos gestos. Como exemplo, podemos citar a grande preocupação dos pesquisadores com as referências espaciais dos gestos, destacando várias tentativas de mapeamentos, como as de Gilbert Austin, Bacon, Delsart, Laban e, nos dias atuais a de David McNeill, ilustrada na figura 1, abaixo.

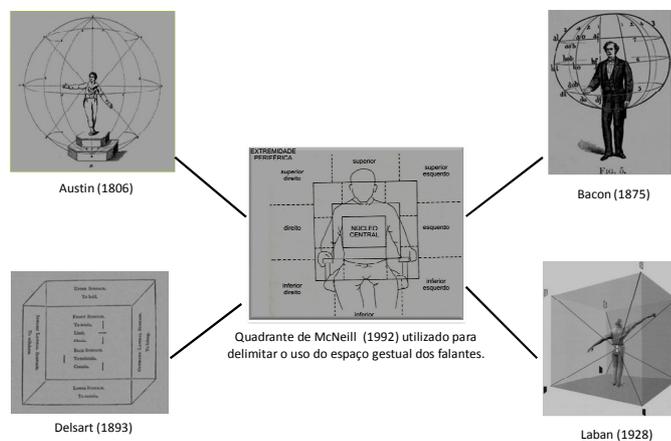


Figura 1 – Progressão evolutiva de pesquisa na área dos gestos.

Verifica-se que a importância do estudo do gesto foi crescendo e atualmente envolve áreas como linguística, arqueologia, antropologia, biologia, neurologia, etnologia, teatro, literatura, artes visuais, dança, psicologia cognitiva, engenharia computacional, entre outras, delimitando o que parecem ser as linhas mais promissoras de investigação sobre o *gesto* e que ainda precisam ser desenvolvidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTIN, Gilbert. *Chironomia: or a Treatise on Rhetorical Delivery*. [1806] Edited by Mary Margaret Robb and Lester Thonssen. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1966.

BULWER, J. *Chirologia: or the Natural Language of the Hand & Chironomia: or the art of manual rhetoric*. [1644]. Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University Press. London: R. Whitaker, 1974.

DELAUMOSNE, L'Abbé *et al. Delsarte system of oratory*. 4. ed. New York: Edgar S. Werner, 1893. 606 p.

EFRON, D. *Gesture and environment*. New York: King Crown Press, 1941.

EKMAN, P.; FRIESEN, W. The repertoire of Nonverbal Behavior: Categories, Origins, Usage, and Coding. *Semiotica*, n. 1, v. 1, p. 49-98, 1969.

FONCILLON, Henri. *The life of form in Art*. New York, 1948.

GOLDIN-MEADOW, S. *Hearing gesture: how our hands help us think*. Cambridge, Massachusetts, and London, England: The Belknap Press of Harvard University Press, 2005.

GOLDIN-MEADOW, S.; ALIBALI, M.; CHURCH, B. *Transitions in concept acquisition: using the hand to read the mind*. *Psychological Review*, v. 100, p. 279-297, 1993.

IVERSON, J.; GOLDIN-MEADOW, S. *Why people gesture as they speak*. *Nature*, v. 396, p. 228, 1998.

KENDON, A. *Gesture: visible action as utterance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

KENDON, A. *How gestures can become like words*. In: POYATOS, F. (Ed.) *Crosscultural Perspectives in Nonverbal Communication*. Toronto: C. J. Hogrefe, Publishers, 1988. p. 131-141.

KENDON, A. *Gesticulation and speech: two aspects of the process of utterance*. In: KEY, M. R. (Ed.) *The Relationship of Verbal and Nonverbal Communication*. The Hague: Mouton and Co., 1980. p. 207-227.

KENDON, A. Some relationships between body motion and speech. An analysis of an example. In: SIEGMAN, A.; POPE, B. (Eds.) *Studies in Dyadic Communication*. Elmsford, New York: Pergamon Press, 1972. p. 177-210.

KITA, S. Speech-accompanying gestures as a window into event conceptualization at the moment of speaking in adults and children. International Conference on Language, Culture and Mind. 2., 2004, London. Proceedings... London: University of Portsmouth, 2004.

KITA, S. Pointing: Where Language, Culture, and Cognition Meet. Mahwah (NJ): Lawrence Erlbaum Associates, 2003.

KITA, S. Language and thought interface: a study of spontaneous gestures and Japanese mimetics. Chicago: University of Chicago, Department of Psychology, 1993.

KITA, S.; ALIBALI, M.; YOUNG, A. Gesture and the process of speech production: we think, therefore we gesture. Language and cognitive processes, Psychology Press, v. 15 n. 6, p. 593-613, 2000.

KITA, S.; ÖZYÜREK, A. What does cross-linguistic variation in semantic coordination of speech and gesture reveal? Evidence for an interface representation of spatial thinking and speaking. Journal of Memory and Language, v. 48, p. 16-32, 2003.

McNEILL, D. Gesture and Thought. Chicago/London: University of Chicago Press, 2005.

McNEILL, D. Hand and mind: what gestures reveal about thought. Chicago/London: University of Chicago Press, 1992.

PATILLON, Michael. Éléments de Rhétorique Classique. França: Nathan Université, 1990.

PERRY, M.; CHURCH, R. B.; GOLDIN-MEADOW, S. Transitional knowledge in the acquisition of concepts. Cognitive Development, v. 3, p. 359-400, 1988. Disponível em: <<http://goldin-meadow-lab.uchicago.edu>>. Acesso em: 22 mai. 2006.

RENGEL, Lenira. Dicionário Laban. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2005. 124 p.